



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O TRABALHO DOCENTE COM LIVROS PARADIDÁTICOS NO ENSINO MÉDIO

Luciana Bessa Silva

Faculdade Leão Sampaio(bessaluciana@hotmail.com)

Educar é um processo inacabado e ético. O trabalho de um professor vai muito além de “dar aula”. Esse profissional constrói conhecimento com o aluno, além de contribuir para o seu crescimento e engrandecimento pessoal e profissional. Uma das grandes dificuldades desse profissional diz respeito ao incentivo da leitura, principalmente em pleno século XXI, em meio a um mundo tecnológico. Alunos que leem livros estão mais aptos a compreender outros gêneros textuais: entrevistas, reportagens, cartas, catálogos etc. Além disso, apresentam um vocabulário mais amplo, escrevem melhor e estão mais informados sobre outras culturas. Toda escola solicita a compra de no mínimo quatro livros paradidáticos e no Ensino Médio, principalmente no terceiro ano, as obras são voltadas para o vestibular. No entanto, alguns professores não acompanham a leitura desses textos, pois estão envolvidos com o conteúdo. Diante desse contexto, nosso objeto de estudo é refletir sobre o trabalho docente com os livros paradidáticos no Ensino Médio. Nossos objetivos são: relatar sobre a importância da leitura, discutir sobre a escolha dos paradidáticos e conhecer outras metodologias para se trabalhar com a obra literária. Adotamos uma metodologia bibliográfica baseada em autores como: Alice Vieira, Paulo Freire, Roland Barthes entre outros. Em seguida, em uma pesquisa de campo, entrevistamos professores de uma escola particular na cidade de Barbalha-Ce. Constatamos que a obra solicitada pela escola nem sempre é trabalhada como deveria pelo docente em sala de aula. É preciso, pois, repensar o trabalho desenvolvido por tais profissionais com os livros paradidáticos.

Palavras-chave: Escola, Trabalho Docente, Livro paradidático.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

1. INTRODUÇÃO

Um dos problemas mais sérios da vida escolar é o desinteresse que os jovens têm demonstrado pela leitura. Esse fato se torna um entrave não só para o professor de Língua Portuguesa, mas para todos aqueles cuja missão é desenvolver o hábito da leitura entre seus alunos. Além disso, a falta de leitura dificulta o processo ensino-aprendizagem como um todo. Nesse sentido, “Pensar em sala de aula como espaço de nascimento de leitores/escritores é propor que nela se instalem a interação e a palavra. Em questão, portanto, o silêncio forçado e o repetir sem sentido que não raro fazem parte de nossas classes de leitura e escrita (...)” (TEZZARI, 2005, p. 34 citando DIETZSCH; SILVA, 1994).

A sala de aula deve ser um ambiente de diálogo entre professor e aluno, um local de debate e de troca de experiências. Quando isso não ocorre, o educando não se sente fazendo parte do processo educativo, motivo que o torna disperso e desmotivado, sobretudo para ler. Por isso é fundamental que ele compreenda o que está aprendendo, por que está aprendendo e como esse aprendizado pode fazer diferença em sua vida pessoal e profissional.

É preciso, pois, enterrar o enfoque tradicional e conteudista que alguns professores adotam em sua sala de aula e passar a priorizar um ensino mais contextualizado, ético e participativo, onde o aluno se sinta o protagonista do processo ensino-aprendizagem e não um simples expectador.

A leitura é um processo inerente ao homem. Ela contribui para o desenvolvimento do raciocínio lógico, estimula a imaginação, enriquece o vocabulário e auxilia no aprimoramento da escrita. Para Ziraldo “(...) a tônica da escola deveria ser a leitura, num trabalho que fizesse do hábito de ler uma coisa tão importante como respirar” (1998, p. 27). Por isso, enquanto educadores precisamos refletir sobre nossa responsabilidade no incentivo à leitura como uma prática social e cultural do educando.

Uma das estratégias de que se vale a escola e o professor para o desenvolvimento dessa prática enriquecedora é a leitura de livros paradidáticos. Ou seja,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

a leitura desse material tornou-se uma prática pedagógica para os profissionais interessados em disseminar o hábito a leitura. Contudo, nos questionamos: quais os critérios utilizados pelos profissionais para escolha desses livros? Como eles estão sendo trabalhados? Qual o feedback dos alunos?

Diante dessa realidade e de nossa experiência enquanto professora de Língua Portuguesa propomo-nos a refletir sobre o trabalho docente com os livros paradidáticos no Ensino Médio.

Trata-se de um trabalho bibliográfico e de campo desenvolvido através de entrevistas com professores de uma escola particular do município de Barbalha-Ce.

O livro paradidático é uma excelente ferramenta para incutir no aluno o gosto pela leitura.

POR QUE LER LIVROS PARADIDÁTICOS?

A leitura tem sido, ao longo dos anos, alvo de preocupação por parte da escola e da família, sobretudo de pesquisas por parte de especialistas no assunto. A sensação que tenho é que quanto mais se pesquisa, mais longe estamos de encontrar a resposta para uma pergunta simples: por que a maioria dos jovens não gosta de ler?

A pergunta me lembra de um texto do escritor Ulisses Tavares – Por que o jovem não deve ler. A princípio ele pensou escrever sobre a importância da leitura “aproveitando o gancho do Salão do Livro Infante-Juvenil” (TAVARES, 2012, p.1), mas “desistiu” depois de haver lido em matéria publicada em jornais que para 56% dos brasileiros entre 18 e 25 anos “comprar mais significa mais felicidade, pouco se importando com problemas ambientais e sociais do consumo desenfreado” (TAVARES, 2012, p.1). Assim, num momento de “desalento” Tavares afirmou que não incentivaria o jovem a abrir um livro para acabar com sua alienação. Desde então o recomendado é não ler, caso contrário:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

1. (...) vai querer participar como cidadão dos destinos do País. Não vale à pena o esforço. Como disse o Lula (que não teve muita escola, mas sempre leu pra caramba), a juventude não gosta de política, mas os políticos adoram. Porisso que eles mandam e desmandam há séculos;
2. (...) vai saber que estão mentindo e matando montes de jovens todos os dias em todos os lugares do Brasil impunemente; principalmente porque esses jovens não percebem nem têm como saber (a não ser lendo) a tremenda cilada que é acreditar que bacana é mentir e matar também;
3. (...) vai acordar um dia e se perguntar que diabo é isso que anda acontecendo neste lugar, onde só ladrões, corruptos, prostitutas e ignorantes, aparecem na mídia;
4. (...) vai ficar mais humano e, horror dos horrores, é até capaz de sentir vontade de se engajar num trabalho comunitário, voluntário e parar de ser egoísta;
5. (...) vai comparar opiniões, acontecimentos, impressões e emoções e acabar descobrindo que sua vida andava meio torta, meio gado feliz. (TAVARES, 2012, p.1)

A leitura possibilita que o leitor reflita sobre as expressões da questão social, além de ser um excelente exercício para a cidadania. Contudo é preciso atentar para o fato de que

Leitura não é um ato isolado e "virgem" de um indivíduo ante a escrito de outro indivíduo. Supõe a decodificação de sinais e propõe a imersão no contexto social da linguagem e da aprendizagem, através da compreensão do discurso de outrem, ambos (leitor e autor) sujeitos – com suas respectivas histórias de leitura relacionadas às do texto – responsáveis por um trabalho de construção de significados de, com e sobre a linguagem. (MAGNANI, p. 102)

Ou seja, não é da noite para o dia que o jovem se interessa pela leitura de livros, revistas ou jornais. A leitura é um fenômeno social e como tal preciso ser construído paulatinamente pelo sujeito.

É preciso salientar ainda, que em plena era da tecnologia o livro ganhou outros concorrentes: “(...) 85% das pessoas preferem assistir tevê em seu tempo livre e 52%, ouvir música ou rádio. A opção pela leitura aparece em 7º plano, com 28%.” (PANSA, 2012, p. 10). Nós brasileiros ainda não descobrimos o hábito pela leitura. Na concepção de Zoara Failla, coordenadora pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, encomendada pela



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Fundação Pró-Livro e pelo Ibope Inteligência, a TV e a internet não roubam leitores. Em entrevista ao 'Alô, Professor', ela declara que

As pessoas que vão navegar na internet ou ver TV não desenvolveram o hábito de ler por prazer. E isso, sem dúvida, começa na escola. As escolas em geral não desenvolvem práticas de leitura. Na verdade, o que se faz é apresentar a leitura como tarefa, como a obrigação que o estudante terá quando sair da escola. Toda a questão começa com o despertar do interesse pela leitura. (FAILLA, 2012, p. 2)

Ler é um prazer que o indivíduo deve proporcionar a si mesmo. Claro que o incentivo da família e da escola são essenciais. Perguntada, ainda, se a internet não poderia ser um canal para a leitura desses jovens, a pesquisadora respondeu que

Quem não gosta de ler não vai procurar livros digitais. A pessoa só vai fazer isso se gostar de ler. Do contrário, vai para as redes sociais ou para alguma plataforma de interação. Em geral, o que se lê na internet? Recados, mensagens cifradas e sem conteúdo. As pessoas se comunicam, disso eu não tenho dúvida. Mas existe uma diferença grande entre informação e conhecimento. Quem usa a internet dessa forma não desenvolve conhecimento. (FAILLA, 2012, p. 2)

Na tentativa de transformar esse quadro, a escola indica livros paradidáticos para que o aluno desenvolva tal gosto. Esse material pode causar ao outro: emoção, prazer, alegria, divertimento, melancolia, conhecimento, sobretudo reflexão. Proporciona ainda ao leitor narrações interessantíssimas, conversas com personagens, situações mágicas, trágicas e ricas de experiências que podemos guardar para sempre em nossa memória. Trata-se de um material riquíssimo que, se bem abordado em sala de aula, pode contribuir para incentivar a leitura dos jovens uma vez que o coloca em contato com outras culturas, várias histórias, além de ser um excelente exercício de cidadania.

Nesse contexto, dois pontos devem ser destacados: 1) observa-se um destoamento entre esse material e o processo ensino-aprendizagem, pois na maioria das vezes o mesmo ocorre de maneira alienante, ou seja, o aluno não se reconhece como



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

parte do processo, porque tudo já foi previamente decidido e, simplesmente, comunicado a ele: o nome do livro, o dia da “prova” e o valor a ela atribuído. Sabemos que a educação brasileira é (re)produtora de uma ideologia dominante, ela não é pensada para dar voz ao sujeito que todos os dias entra pelos portões da escola em busca não só de conhecimento, mas de experiências que vão transformar suas vidas. Infelizmente, enquanto não se acabar com a “educação bancária” continuaremos com o mesmo quadro: alunos sufocados de trabalhos, exercícios, fórmulas de física, química e matemática, tabelas periódicas para memorizar, livros paradidáticos para serem preenchidas suas fichas de leitura. Em outras palavras, o ensino brasileiro é formal, burocrático e acaba fazendo com que o aluno perca seu tempo aprendendo coisas que não farão parte de sua vida, a não ser claro que eles sigam por uma carreira científica. 2) Outro ponto relevante é a formação do professor. Este é “preparado” para trabalhar com um aluno “ideal”, ou melhor, “irreal”. A ele é ensinado alguns métodos e técnicas para conduzir sua aula de maneira eficiente. Formam-se os professores para que eles apliquem o que aprenderam em suas respectivas salas de aula. A pergunta é: como eles aprenderam? O certo é que estamos longe de ter um profissional capacitado para construir conhecimento com o aluno. Sim, porque o conhecimento é construído, não ensinado através de modelos pré-estabelecidos. O próprio Paulo Freire dizia que “ninguém educa ninguém”. O trabalho de seleção e escolha dos paradidáticos

(...) exige preparo e cuidado por parte do professor, uma vez que a indicação deste e não daquele autor requer justificativas claras do objetivo que ele tem em vista, devendo haver uma coerência entre os objetivos propostos para educação do leitor e os textos relacionados para leitura. (LAGUNA, 2001, p.45)

A escolha desse material deve ser feita por um “professor leitor”, um profissional crítico, reflexivo e consciente de seu papel transformador na sociedade da qual faz parte. “A história de cada professor pode contar sobre sua relação com a leitura marca definitivamente sua atuação como mediador da leitura de seus alunos”. (LAGUNA, 2001, p.3)



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Infelizmente, alguns professores não tiveram uma boa relação com a leitura, isso poderia justificar sua falta de habilidade em trabalhar com os alunos. Nas palavras de Zailia

(...) o professor deve saber ler bem, gostar de ler. Senão, ele não saberá fazer o *marketing* correto. Os clássicos são maravilhosos, mas você tem que ter compreensão do que está lendo para poder ensinar. E os clássicos exigem conhecimento. Machado de Assis é maravilhoso, mas é complexo. Pode ser difícil para o aluno ler Machado de Assis. O importante é tentar identificar do que o adolescente gosta, o que ele quer ler. (FAILLA, 2012, p. 2)

É preciso admitir: os clássicos são livros difíceis de serem lidos, mas são extraordinários. Nossa juventude, em geral, não dedica seu tempo para esse tipo de leitura. “A juventude comunica ao ato de ler como a qualquer outra experiência um sabor e uma importância particulares; ao passo que na maturidade apreciam-se (deveriam ser apreciados) muitos detalhes, níveis e significados a mais”. (CALVINO, 2007, p. 10)

De fato, as leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência das instruções para o uso, inexperiência da vida. Podem ser (talvez ao mesmo tempo) formativas no sentido de que dão uma forma as experiências futuras, fornecendo modelos, recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza: todas, coisas que continuam a valer mesmo que nos recordemos pouco ou nada do livro lido na juventude. (CALVINO, 2007, p. 10)

Para a pesquisadora, identificar o que o aluno quer ler contribui para o incentivo da leitura. Corroboramos com o pensamento da estudiosa. Não adianta indicar livros se a escola não escuta o aluno-leitor, não sabe seu gosto literário, não permite que ele seja o protagonista desse processo.

Por fim, acreditamos na tese de da escritora Ana Maria Machado que declara que ninguém deve ser obrigado a ler e que forçar alguém a isso é gerar horror ao livro.

METODOLOGIA/RESULTADOS



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A pesquisa foi estruturada com base nas pesquisas bibliográfica, qualitativa com abordagem descritiva. Em seguida, fomos à Escola Nossa Senhora de Fátima em Barbalha-Ceará e entrevistamos os professores do Ensino Médio para investigar como eles trabalham com os livros paradidáticos.

Foram entrevistados os professores (1º, 2º e 3º anos) de Literatura e/ou Língua Portuguesa da instituição, ou seja, todos. Realizada a coleta de dados, pudemos constatar que tais profissionais ‘extraem’ do livro paradidático os aspectos literários (foco narrativo, personagens, enredo, tempo, espaço) e que, em alguns momentos pedem que os alunos escrevam uma redação sobre o tema da obra estudada. Os professores, de forma geral, alegam que são muitos alunos em sala (em média cinquenta) e o fato de terem apenas uma aula por semana os impede de trabalhar o livro de forma mais aprofundada.

A professora do 1º ano, afirmou que é “muito difícil” abordar as obras indicadas, porque “os alunos não estão preparados para entrar em um universo tão complexo como o realista, de Machado de Assis e/ou naturalista, de Aluísio de Azevedo” (No momento da pesquisa a obra desses dois autores estava sendo apreciada pelos alunos).

Quando perguntado então por que escolhem tais obras afirmam “que não podem facilitar para o aluno”, “é assim que eles aprendem”. Além disso, “outras escolas particulares também trabalham com essas obras. Nós não podemos ser diferentes”. Nota-se que a escolha não foi feita levando-se em conta o aluno, seu gosto.

Perguntamos, ainda, como acontece a relação da obra e o aluno no cotidiano de sala de aula. A docente nos informou que os alunos chegam à escola com os livros para todo o ano letivo (previamente uma lista foi enviada aos pais). Ela, então, solicita que todos leiam e que “ninguém vá atrás do resumo na internet”. Marca-se o dia para fazer a avaliação do livro. Ou se “faz uma prova”, ou seja, perguntas subjetivas e objetivas sobre o texto, pois avalia-se “leitura e interpretação de textos e os aspectos gramaticais: acentuação, pontuação, concordância” etc. Contudo, “quando há tempo, a sala é dividida em equipe e cada uma apresenta da maneira que escolherem: maquete, resumo, encenação das partes mais importantes entre outros..



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A professora do 2º ano afirma que “os alunos têm um grau de maturidade maior para leitura dos paradidáticos. Pena que a maioria não gosta de ler. É como se tivéssemos que obrigá-los”. Reclama também de não poder se dedicar mais a esse material, pois “o conteúdo do 2º ano é extenso”. Nessa fase, “as obras indicadas são algumas do 3º ano”, pois “o vestibular está próximo”. Assim, os estudantes já começam “a receber um estudo dirigido acerca desses livros com: enredo, caracterização das personagens, tempo, espaço, crítica literária”. Em outras palavras, a leitura dos alunos é feita pelos professores. Não é de se admirar porque o alunato não se interesse pelos paradidáticos indicados pela escola.

A professora do 3º ano declarou que “os alunos estão tão preocupados com as disciplinas de Matemática, Física, Química e Biologia que acabam se esquecendo da leitura dos paradidáticos. Assim como os alunos do 2º ano, eles recebem tudo pronto (material previamente preparado pelo docente). Além disso, a escola promove “os aulões”, isto é, momentos para “o professor discursar sobre o livro”. Outrossim, na internet há “vários resumos sobre as obras”.

CONCLUSÃO

A escola é uma instituição concebida para educação dos homens, contudo em meio a uma sociedade capitalista em que predomina o ter e o poder, ela tem se mostrado ineficiente e contribuído para acirrar a competição entre seus alunos.

Uma das atribuições da escola é ensiná-los a ler e a escrever. Todavia, observamos jovens decifrando palavras (que para alguns não fazem o mínimo sentido) e com dificuldades de escrita. Não se pode confundir ‘saber-decifrar’ com ‘saber-ler’, como não se pode confundir ‘saber-copiar’ com ‘saber-escrever’.

A declaração dos professores entrevistados nos faz constatar que o livro paradidático não tem contribuído para despertar o prazer nem da leitura nem da escrita. A obra literária ultrapassa as fronteiras do imediatismo, do circunstancial, do prosaico ou mesmo da dramática história de amor. Ela conduz o leitor a refletir sobre sua condição na sociedade e os fatos que ocorrem no universo.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Infelizmente, em pleno desenvolvimento científico e tecnológico, os discentes continuam a fazer provas tradicionais sobre o conteúdo de obra literária e os alunos do 2º e 3º anos recebem um material pronto e mastigado para ler. Dessa forma, não é possível desenvolver o gosto pela leitura e pela escrita. É preciso, repensar o trabalho do docente com esse tipo de material.

REFERÊNCIAS

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FAILLA, Zoara. **O livro é uma opção**. Entrevista publicada no 'Alô, Professor', em 04/10/2012.

_____ (Org). Retratos da leitura do Brasil 3. Instituto Pró-Livro. Governo do estado de São Paulo.

FIRMINO, Célia. **A leitura em questão**: Foucambert pela leiturização social. Interatividade. Andradina (SP), v.1, n. 2, 2006. Disponível em:
<http://www.firb.br/interatividade/edicao2/_private2/firmino.htm>

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. Em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1986.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

LAGUNA, Alzira Guiomar Jerez. **A contribuição do livro paradidático na formação do aluno leitor**. Disponível em : Augusto Guzzo Revista Acadêmica.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/viewFile/81/95. Acesso em 28/02/2015

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola**. O real, o possível e o necessário. Porto Alegre. Artmed. 2002

MAGNANI, Maria do rosário Mortati. **Leitura e Formação do Gosto** (por uma pedagogia do desafio do desejo) . Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_13_p101-106_c.pdf. Acesso em 02/03/2015.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

PANSA, Karine. Fazer do Brasil um país de leitores. In: FAILLA, Zoara. **Retratos da leitura do Brasil 3**. Instituto Pró-Livro. Governo do estado de São Paulo. Pp. 9-11.

TAVARES, Ulisses. Por que o jovem não deve ler. Reproduzido de **O trem Itabirano** nº 79, abril de 2012; intertítulo do *OI* . Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed689_por_que_o_jovem_ao_deve_ler. Acesso em 01/02/2015

TEZZARI, Neusa dos Santos. **A constituição do aluno leitor**: um estudo etnográfico. Tese de Doutorado – Instituto de Psicologia. USP, 20

ZIRALDO. A escola não está preparada para a mágica da leitura. **Nova Escola**,/Fundação Victor Civita, nº. 25, out. 1988.